

HARTMUT JAEGER
SAMUEL RINDLISBACHER
THOMAS LIETH



PARA VIVER

Como obter novo
ânimo para viver em
situações difíceis



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br



PARA
VIVER

CORAGEM PARA VIVER

**HARTMUT JAEGER
SAMUEL RINDLISBACHER
THOMAS LIETH**

1ª Edição
2022



Mut zum Leben
Copyright © 2017 by Verlag Mitternachtsruf
Ringwiesenstrasse 12a
CH-8600 Dübendorf
www.mitternachtsruf.ch

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2022 por Chamada

1ª Edição – Agosto/2022

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Arthur Reinke*

Revisão: *Débora Steiger e Doris Körber*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e
Rômulo Spier do Nascimento*

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas do texto bíblico da Nova Almeida Atualizada, NAA © Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Usado com permissão. www.sbb.org.br

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

J22

Jaeger, Hartmut.

Coragem para viver: como obter novo ânimo para viver em situações difíceis / Hartmut Jaeger, Samuel Rindlisbacher e Thomas Lieth ; [tradução Arthur Reinke]. – 1. ed. – Porto Alegre : Chamada, 2022.
104 p. ; 18 cm.

ISBN 978-65-89505-23-5

1. Vida cristã - Doutrina bíblica. 2. Motivação - Aspectos religiosos - Cristianismo.
3. Discipulado (Cristianismo). I. Rindlisbacher, Samuel. II. Lieth, Thomas.
III. Reinke, Arthur. IV. Título.

CDD23: 248.4

SUMÁRIO

NO MUNDO, VOCÊS PASSAM POR AFLIÇÕES	7
O que é aflição, e qual é a sua origem?	8
Uma saída para o medo	10
Jesus, a cura para nosso medo	17
O DRAMA DE JÓ	23
Desespero total	26
Falta de amor	37
A dúvida de Jó	47
O DRAMA DE JÓ CONTINUA	51
Acusações e mais acusações	51
Vitória de Satanás?	62
A intervenção de Deus	70
COMO OBTER NOVO ÂNIMO PARA VIVER EM SITUAÇÕES DIFÍCEIS	75
Repensar para criar coragem	77
Coragem que vem da proximidade	82
Coragem pelo incentivo	86
Coragem pela confiança	94
Coragem pela esperança	98

Capítulo 1

NO MUNDO, VOCÊS PASSAM POR AFLIÇÕES

Samuel Rindlisbacher

“No mundo, vocês passam por aflições; mas tenham coragem: eu venci o mundo.” (João 16.33b)

Em nossos tempos de insegurança, com o aumento das notícias amedrontadoras na mídia, surge a dúvida: o que mais falta acontecer? O que virá amanhã? Alegria ou tristeza, acontecimentos bons ou nem tanto? Na ocasião em que Jesus disse aos seus discípulos “no mundo, vocês passam por aflições”, ele mesmo estava prestes a enfrentar os terríveis eventos da sua prisão, julgamento, açoitamento e a monstruosa crucificação. Ele sabia que estava a caminho do Gólgota. Justamente por isso reuniu seus discípulos em particular novamente. Desejava estar a sós com eles pela última vez, a fim de prepará-los para o que aconteceria, encorajá-los e assegurar-lhes que estaria sempre presente, que nunca os abandonaria e que sempre se importaria com eles.

O QUE É AFLIÇÃO, E QUAL É A SUA ORIGEM?

Hoje em dia, a aflição tem muitas facetas. Há o medo de perder o emprego ou de não conseguir corresponder às exigências da sociedade atual, focada em rendimento. O receio de que a aposentadoria não esteja mais garantida no futuro; o temor da enfermidade ou de uma velhice com sofrimento físico. É o medo quanto ao resultado de tudo isso, a angústia diante da incerteza, com todas as respectivas consequências.

Uma certa dose de medo pode até ser justificável e, em si, não é má. Por exemplo, em certas situações o medo pode nos proteger e nos resguardar contra atitudes impensadas. Ele até é capaz de mobilizar forças das quais nem tínhamos conhecimento. Ele nos torna cautelosos e atentos. No entanto, também há medos que oprimem e atormentam. Por isso, muitas pessoas vivem com medo de crises, escuridão, guerra, enfermidade e morte. Alguns até têm medo do próprio medo!

O medo manifesta-se de maneira diferente em cada indivíduo e pode ter origens diversas, como experiências negativas no passado, tendências pessoais ou características individuais. Por isso, certas pessoas conseguem superar com facilidade determinada situação enquanto outras, em caso semelhante, passam noites em claro ou mesmo quase entram em parafuso.

Tipos de aflições

A aflição manifesta-se de formas diferentes. Há, por exemplo, o medo de ser abandonado. Ainda lembro muito bem que, quando criança, acordava com frequência durante a noite. Amedrontado, esforçava-me para ouvir se meus pais ainda estavam em casa ou se eu estava sozinho. Seria possível que me abandonassem? Hoje, inúmeras crianças sentem esse medo na própria pele! Algumas, por exemplo, têm medo de serem abandonadas em virtude da separação dos pais. Esse medo também afeta o cônjuge daquele que desaparece de uma hora para outra.

Existe ainda o medo do desconhecido. Quantas vezes, antes de me deitar, olhei debaixo da cama! Ou fui verificar pessoalmente se a casa estava bem trancada. Outros têm medo do porão escuro da casa, ficam angustiados quando se deparam com um cachorro, entram em águas profundas, são expostos a uma situação inusitada ou têm contato com pessoas desconhecidas.

Muitas pessoas também têm medo do futuro (o que teremos de enfrentar? O que acontecerá amanhã?). Insegurança e mais insegurança. Esse medo ainda é intensificado pelas diversas informações que a mídia derrama sobre nós diariamente, de hora em hora! Cito apenas

algumas delas: assaltos, atentados terroristas, alterações climáticas, crise econômica, inflação, desemprego etc.

Existe, ainda, o medo decorrente de culpas não perdoadas. Inúmeras pessoas sofrem com isso! Carregam-na sobre seus ombros como uma pesada mochila. É a consciência que diz: “Sou culpado!” – talvez perante o cônjuge, os pais, o patrão ou o próprio filho abortado. Alguns são tão oprimidos pelos medos e dúvidas que acabam entrando em depressão.

O medo das enfermidades e da morte sempre acompanhou o ser humano. Existe o medo de ser vítima de uma doença incurável, de contrair câncer, diabetes, mal de Alzheimer ou de sofrer um infarto. Há tantos imprevistos possíveis! Existem pessoas tão angustiadas pelo medo que seus pensamentos giram constantemente em torno da possibilidade de adoecer. Diante de qualquer pequena indisposição, são dominadas pelo pânico.

UMA SAÍDA PARA O MEDO

Aparentemente, o medo faz, até certo ponto, parte de nossa vida. Não foi o próprio Senhor Jesus que disse: “No mundo, vocês passam por aflições”? Contudo, Jesus não parou por aí, pois complementou essa afirmação com “mas tenham coragem: eu venci o mundo” (João 16.33). Com isso, Jesus nos diz que está presente. Ele

não apenas conhece nossos temores, mas também disponibiliza ajuda e uma forma de libertar-se do medo.

Observemos novamente as diferentes aflições – agora à luz da Bíblia.

Medo de ser abandonado

Até mesmo o rei Davi conhecia o medo de ser abandonado. Quando jovem, era desprezado por ser pastor de ovelhas, mais tarde foi publicamente ridicularizado pela esposa; já como rei, foi destronado pelo próprio filho e ameaçado de morte. Em seu “diário”, o livro dos Salmos, encontramos o princípio que Davi usava para lidar com esse problema. Lemos ali: “Ouve, SENHOR, a minha voz; eu clamo; tem compaixão de mim e responde-me. Ao meu coração me ocorre: ‘Busquem a minha presença’. Buscarei, pois, SENHOR, a tua presença” (Salmos 27.7-8).

Em sua aflição, Davi recorre ao Senhor, procurando conscientemente por sua presença e consolo: “Ao meu coração me ocorre: ‘Busquem a minha presença’. Buscarei, pois, SENHOR, a tua presença. Não me escondas, SENHOR, a tua face; não rejeites com ira o teu servo. Tu és o meu auxílio; não me deixes, nem me abandones, ó Deus da minha salvação” (Salmos 27.8-9).

Em meio ao medo de ser abandonado, Davi procurou auxílio e abrigo no Senhor: “Porque, se o meu pai e a mi-

nha mãe me abandonarem, o SENHOR me acolherá. Ensina-me, SENHOR, o teu caminho e guia-me por vereda plana, por causa dos meus inimigos” (Salmos 27.10-11).

Ao agir assim, consegue ficar descansado: “Eu creio que verei a bondade do SENHOR na terra dos viventes. Espere no SENHOR. Anime-se, e fortifique-se o seu coração; espere, pois, no SENHOR” (Salmos 27.13-14). Que grande consolo quando nós também somos abandonados: Deus está presente! Ele não nos abandona. Nele encontro refúgio, ele me conduz por caminhos seguros!

Um novo olhar e uma nova maneira de pensar

O ser humano tem a tendência de remoer preocupações e de quebrar a cabeça tentando imaginar o que poderia acontecer. *E se...?* Sem perceber, entramos em um padrão mental negativo que, por fim, marca todo nosso ser. Caímos em um turbilhão que vai nos puxando cada vez mais para baixo.

Qualquer pessoa que caia nesse tipo de redemoinho corre perigo! Frequentemente Davi procurou uma saída para tais situações. A solução que ele encontrou serve de exemplo para nós:

“Tenho o SENHOR sempre diante de mim; estando ele à minha direita, não serei abalado. Por isso o meu cora-

ção se alegra e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro. Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, à tua direita, há delícias perpetuamente.” (Salmos 16.8-11)

Nós também podemos exercitar essa atitude de dirigir o olhar para Jesus, mantendo-o fixo naquele que é o Autor e Consumador de nossa fé. Precisamos aprender a pensar de modo diferente – “que Deus os transforme pela renovação da mente” (Romanos 12.2). É necessário ser cuidadoso com o que e como se pensa, pois é isso que, em última análise, determina nossas ações. Não podemos simplesmente permitir que os pensamentos negativos corram com liberdade, mas precisamos rejeitá-los com determinação e relembrar conscientemente as palavras de Deus.

É preciso recapitular constantemente as suas maravilhosas promessas, pois elas estão repletas de confiança, consolo e esperança. Podemos nos alegrar conscientemente com as promessas de Deus: ele está presente, nosso Salvador é maior. Ele saiu vitorioso do Gólgota e derrotou o mundo, a morte e o Diabo. Nós estamos no lado do vencedor! Lembremo-nos de suas palavras:

“Não tenha medo, porque eu o remi; eu o chamei pelo seu nome; você é meu” (Isaías 43.1b).

Medo do futuro

Se formos realistas, o futuro não parece nada bom. Não sabemos o que nos acontecerá a seguir, que “golpe do destino” será o próximo a nos atingir ou que notícia assustadora receberemos. No entanto, com Jesus Cristo ao nosso lado podemos confiar em sua maravilhosa promessa: “‘Eu sou o Alfa e o Ômega’, diz o Senhor Deus, ‘aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso’” (Apocalipse 1.8).

Os filhos de Deus não estão à mercê do destino, nem são um brinquedo da natureza. Não, nossa vida está nas mãos de Deus! Tudo está sob o domínio dele: meu tempo, minhas forças, meu futuro. Ele é o princípio e o alvo – isso também vale para a nossa vida. Ele é o Senhor, inclusive sobre nossas dificuldades e aflições. E ele voltará. Que magnífica esperança!

Medo decorrente de culpa não perdoada

Uma angústia que já encontrei várias vezes é a que nasce da culpa não perdoada. Sim, uma culpa não perdoada pode envenenar uma vida inteira, destruir amizades, arrasar casamentos, separar irmãos e transformar a vida

da pessoa num inferno. A culpa não perdoada é como um pequeno ponto de mofo que começa minúsculo, cresce lentamente e por fim toma conta de tudo com seu efeito destruidor.

Além disso, muitas vezes acrescenta-se o medo de ser descoberto – o medo de que essa culpa venha à tona. Para evitar isso, a pessoa conta mentira após mentira, enrolando-se assim em um emaranhado de inverdades e evasivas. A única saída é quebrar o ciclo e voltar para a luz do evangelho: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1João 1.9).

Conheci pessoas que em algum momento passaram a limpo diante de Deus culpas que tinham mantido em sigilo durante muito tempo. De uma hora para a outra, pareciam ser pessoas totalmente diferentes, voltando para casa com um sorriso contagiante. A paz de Deus retornou aos seus corações. O abatimento desaparecera totalmente, dando lugar a um novo ânimo para viver. É o que diz um antigo provérbio: “Procure Jesus e sua luz, pois nada mais lhe ajudará”.

Medo da enfermidade e da morte

Ninguém consegue escapar da morte. Todos nós partiremos algum dia, queiramos isso ou não. Da mesma

forma, ninguém sabe se amanhã talvez já não será acometido de uma enfermidade incurável. Como cristãos, no entanto, temos um admirável consolo e uma maravilhosa esperança!

Uma prova disso encontramos na poesia abaixo, escrita por um missionário executado por comunistas, na China, em 1935:

Medo – medo de quê?

*Medo de que o espírito, salvo e livre
de problemas, esteja em perfeita paz?*

*Que a luta e a tensão termine,
que Deus, com um toque, tudo mude?*

Disso terias medo?

Medo – medo de quê?

De ver a face do teu Salvador?

De ser recebido com seu alegre “bem-vindo em casa”?

*Medo de que o maravilhoso brilho de suas feridas
te conceda o eterno perdão?*

Disso terias medo?

Medo – medo de quê?

*Um clarão – um tiro – o partir do teu coração,
escuridão – então no céu – plena iluminação!*

*Unido com ele na vida e na morte,
como alguém que nas suas feridas tem parte.
Disso terias medo?*

*Medo – medo de quê?
Que tua morte conquiste uma vitória
pela qual a vida toda ansiavas?
Que o sangue batize a rocha
para que ali surja abundante colheita?
Disso terias medo?*

JESUS, A CURA PARA NOSSO MEDO

Durante sua última celebração da Páscoa, quando já vislumbrava a traição, a negação de Pedro e a terrível morte na cruz, bem como o abandono pelo Pai, Jesus disse aos seus discípulos: “No mundo, vocês passam por aflições; mas tenham coragem: eu venci o mundo” (João 16.33b).

Com essas palavras, Jesus lembrou seus discípulos expressamente dos acontecimentos e das palavras que acompanharam essa última ceia pascal. Jesus deseja que mantenhamos essas palavras sempre diante de nossos olhos espirituais (veja João 13–17).

Por saber que somos seres humanos – pessoas com aflições, dificuldades, tentações e limitações – o próprio Jesus transformou-se no mais humilde servo: “[Jesus]

levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, pegando uma toalha, cingiu-se com ela. Em seguida Jesus pôs água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido” (João 13.4-5).

Aqui Jesus executa a tarefa do escravo mais humilde. Com isso, quer mostrar: “Mesmo que eu saiba quem você é e do que você é capaz, mesmo conhecendo suas fraquezas, ainda assim estou disposto a servi-lo. Disponho-me a trabalhar como o menor dos escravos para lavar seus pés. Todos os dias, sem falta. Quero diariamente limpá-lo da sujeira das ruas e perdoar suas falhas e pecados”.

Dirigir o olhar para o céu

“Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu já lhes teria dito. Pois vou preparar um lugar para vocês. E, quando eu for e preparar um lugar, voltarei e os receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, vocês estejam também.” (João 14.2-3)

Diante do medo dos discípulos, Jesus procura direcionar o olhar deles para o céu. Para longe dos problemas, longe das incertezas, longe dos tempos inseguros e para

uma pátria melhor. Jesus deseja que olhemos para ele, para o céu. Não quer que permaneçamos sufocados em nossos problemas, mas que olhemos para cima! É preciso desviar o olhar das circunstâncias externas à nossa volta e procurar pelo alvo, o lugar onde de fato estaremos em casa. Jesus quer que estejamos esperando por ele e que de fato contemos com a sua volta. Talvez isso aconteça hoje!

“E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Consolador, a fim de que esteja com vocês para sempre” (João 14.16). Pelo seu Espírito Santo, Jesus habita em cada crente renascido. Ele entra para nunca mais sair! E diz: “Não deixarei que fiquem órfãos; voltarei para junto de vocês” (João 14.18).

Somente Deus pode conceder paz aos seus discípulos em meio ao medo deles: “Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou” (João 14.27a). Trata-se de uma paz dupla. Temos paz com Deus, pois nosso passado está limpo (nosso pecado está perdoado) e nosso futuro está em suas mãos! Essa é a paz da qual lemos: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5.1).

Além disso, temos aquela paz interior que Deus pode renovar constantemente, mesmo nas situações difíceis da nossa vida. Essa é a paz da qual Paulo fala: “Que a

paz de Cristo seja o árbitro no coração de vocês...” (Colossenses 3.15). Foi essa a paz que Estêvão experimentou diante da morte (veja Atos 7). Foi também por causa dessa paz que Pedro conseguiu dormir tranquilo na prisão (Atos 12) e Paulo, na mesma situação, começou a cantar (Atos 16).

Permanecer em Jesus

Além disso, Jesus também diz aos seus discípulos que vivem em aflições:

“Eu sou a videira verdadeira, e o meu Pai é o lavrador. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto ele limpa, para que produza mais fruto ainda. Vocês já estão limpos por causa da palavra que lhes tenho falado. Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. Como o ramo não pode produzir fruto de si mesmo se não permanecer na videira, assim vocês não podem dar fruto se não permanecerem em mim. Eu sou a videira, vocês são os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim vocês não podem fazer nada.” (João 15.1-5)

Podemos ficar bem perto de Jesus. Ele cuida de nós. Ele assumiu a responsabilidade. O Pai é responsável pelo cuidado e pela produção de frutos, e nós podemos simplesmente permanecer em Jesus! Além disso, Jesus ao mesmo tempo nos garante que alcançaremos o alvo se formos verdadeiros filhos de Deus.

Jesus diz: “Não foram vocês que me escolheram; pelo contrário, eu os escolhi e os designei para que vão e deem fruto, e o fruto de vocês permaneça...” (João 15.16). Esse *permanecer* nele não tem nenhuma relação com *esforço*. Em vez disso, significa que vivemos nossos dias em sua companhia, que passamos tempo com ele. É preciso viver para ele, contar com ele e andar com ele – mesmo que às vezes tropeçemos e caiamos!

Paulo expressou isso muito bem: “Porque para mim o viver é Cristo...” (Filipenses 1.21). É exatamente isso: precisamos viver a partir dele, da sua Palavra (a Bíblia); do relacionamento com ele pela oração e pela força do Espírito Santo que habita em nós. Devemos repetir constantemente para nós mesmos: “Eu não posso, mas ele pode!”. Mesmo vivendo em meio a um mundo decaído, podemos ter essa certeza: “Falei essas coisas para que em mim vocês tenham paz. No mundo, vocês passam por aflições; mas tenham coragem: eu venci o mundo” (João 16.33).

Capítulo 2

O DRAMA DE JÓ

Thomas Lieth

“Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se diante do SENHOR, veio também Satanás entre eles apresentar-se diante do SENHOR. Então o SENHOR perguntou a Satanás: ‘De onde você vem?’ Satanás respondeu ao SENHOR: ‘De rodear a terra e passear por ela’. E o SENHOR disse a Satanás: ‘Você reparou no meu servo Jó? Não há ninguém como ele na terra. Ele é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se desvia do mal. Ele ainda conserva a sua integridade, embora você me incitasse contra ele, para destruí-lo sem motivo’. Então Satanás respondeu ao SENHOR: ‘Pele por pele! Um homem é capaz de dar tudo o que tem pela sua vida. Mas estende a tua mão e toca nos ossos e na carne dele, para ver se ele não blasfema contra ti na tua face’. Então o SENHOR disse a Satanás: ‘Você pode fazer com ele o que quiser; mas poupe-lhe a vida’. Então Satanás saiu da presença do SENHOR e feriu Jó com tumores malignos, desde a planta do pé até o alto da cabeça. Jó, sentado em cinza, pegou um caco de barro para com ele raspar as feridas. Então a mulher dele disse: ‘Você ainda conserva a sua integridade?

Amaldiçoe a Deus e morra!’ Mas Jó respondeu: ‘Você fala como uma doida. Temos recebido de Deus o bem; por que não receberíamos também o mal?’ Em tudo isto Jó não pecou com os seus lábios.” (Jó 2.1-10)

Toda vez que nos envolvemos com o livro de Jó, podemos nos dedicar apenas a uma fração daquilo que ele tem a oferecer. Alguém certa vez o classificou como o livro mais fascinante da Bíblia; de fato, até pessoas incrédulas consideram esse livro como singular, apesar de partirem do princípio de que os fatos nele descritos na verdade nunca aconteceram. Muitas pessoas consideram o livro de Jó como uma obra-prima da literatura mundial. Ele realmente é de tirar o fôlego, especialmente quando consideramos que tudo aconteceu exatamente como ele descreve. Por isso, não se trata apenas de uma obra-prima literária, mas de uma revelação especial de Deus, o onipotente e santo Criador.

Por exemplo: o livro de Jó contém informações sobre a criação das quais a ciência, durante muito tempo, nem suspeitava. E considere-se ainda que os fatos ali descritos aconteceram há quase 3 500 anos. O capítulo 28, por exemplo, fala sobre o peso do vento. Até o final do século XIX, a ciência não fazia a mínima ideia disso. Faz apenas cerca de 300 anos que se descobriu que o vento

de fato possui “peso específico”. Desde então, sabe-se também que o peso do ar, ou do vento, precisa estar numa relação exata com a água para que a vida sequer seja possível. Todas essas realidades relacionadas ao ciclo da água e outros fenômenos da natureza já estão descritas no livro de Jó.

Surge então a pergunta: quem, além do próprio Criador, o Deus Onipotente, poderia ter transmitido essas informações ao escritor de Jó? Não é à toa que Deus pergunta a Jó: “Você foi até as nascentes do mar ou percorreu o mais profundo do abismo?” (Jó 38.16). Essa é uma pergunta que todos nós deveríamos nos fazer.

No entanto, aqui não desejamos tratar do aspecto científico, embora certamente fosse válido examiná-lo com atenção – com certeza nossa admiração não teria fim. Também não se trata apenas de sofrimento, que na verdade é o principal assunto a afetar Jó e também será abordado aqui. A ênfase deste e do próximo capítulo, no entanto, será outra: aconselhamento espiritual. A pergunta central é: *afinal, o que os amigos de Jó fizeram de errado?*

Mas, para começar, quero ressaltar que na verdade seria preciso ajoelhar-se com reverência e silêncio diante desse livro. Estou consciente de que minhas palavras não conseguirão fazer qualquer justiça ao que Deus quer

nos comunicar com esse extraordinário livro. Talvez eu seja exatamente como os amigos de Jó, que deveriam ter ficado calados. Queira Deus que estas palavras honrem ao Senhor e que o seu propósito não seja obscurecido.

DESESPERO TOTAL

Os versículos introdutórios já mostraram um pouco do sofrimento de Jó. Agora prosseguimos:

“Quando três amigos de Jó ouviram que todo este mal havia caído sobre ele, vieram, cada um do seu lugar: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, o namatita. Tinham combinado ir juntos condoer-se dele e consolá-lo. De longe eles levantaram os olhos e não o reconheceram. Então ergueram a voz e choraram. E cada um, rasgando o seu manto, lançava pó ao ar sobre a cabeça. Sentaram-se com ele no chão durante sete dias e sete noites. E ninguém lhe disse uma só palavra, pois viam que a dor era muito grande.” (Jó 2.11-13)

De certa forma, a história em si começa de maneira bastante positiva (naturalmente sem considerar o sofrimento de Jó). Além de suas grandes propriedades, uma esposa amada e muitos filhos, Jó aparentemente ainda tinha três ótimos amigos. Estes agora apresentaram-se a

fim de consolar Jó e prestar-lhe sua solidariedade. Certamente nem sabiam bem o que esperava por eles. Ao que tudo indica, a realidade não chegava nem aos pés de tudo o que imaginavam a respeito de Jó e seu tormento. A situação era ainda muito pior do que qualquer horror que haviam presumido. O que os amigos encontraram não foi apenas um homem quebrado que havia perdido toda sua fortuna; nem apenas um pai que sofria com a perda de seus dez filhos; também não apenas um marido desesperado cuja esposa o aconselhara a afastar-se de Deus. Era tudo isso e ainda por cima um homem tão desfigurado que seus melhores amigos não o reconheceram.

Os três homens ficaram chocados e tomados pelo horror, mas também de compaixão, luto e impotência. O que se pode dizer a alguém nessa situação? “Erga a cabeça, tudo vai se ajeitar”, “tudo coopera para o seu bem”, ou, “bom, poderia ter sido ainda pior”? Não – provavelmente os amigos fizeram a única coisa certa para aquele momento. Choraram e ficaram calados. Mas estavam ali, ao lado de Jó. Todos nós desejamos amigos assim.

Então, o próprio Jó põe fim ao silêncio, talvez na esperança de que seus amigos o compreendam, deem-lhe atenção e o consolem: “Depois disto, Jó passou a falar e amaldiçoou o dia do seu nascimento. Jó disse: ‘Pereça

o dia em que nasci e a noite em que se disse: “Foi concebido um homem!”” (Jó 3.1-3). Jó não amaldiçoou a Deus, mas desejou nunca ter nascido. Melhor seria nem ter vivido do que sofrer dessa maneira. Seria melhor nunca ter amado filhos do que perdê-los de um só golpe.

O desespero de Jó não tem relação alguma com falta de fé. De modo algum. É tolice dizer que “cristão não duvida”; seria como declarar que “homem não chora”. Desesperar-se e queixar-se a ponto de desejar a morte – nessa situação, essa atitude não é somente humana, mas até compreensível. E se nós ainda não tivermos passado por uma situação assim, só nos resta louvar a Deus e agradecer-lhe de joelhos. Ninguém deseja passar pela situação de sentir o chão sendo arrancado debaixo de seus pés; quando tudo o que amamos e valorizamos escapa de nossas mãos e somos diariamente martirizados por dores insuportáveis. Se diante disso ainda vem um “amado” irmão e diz: “Cristãos não duvidam!”, isso é como jogar sal na ferida aberta.

Jó está desesperado. Ele deseja nunca ter nascido. No entanto, nem suicídio nem eutanásia são opção para Jó. A despeito do desespero e do lamento – mais tarde, ele chega a acusar Deus –, Jó sabia: “O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!” (Jó 1.21). Ele nem sonha em colocar-se no lugar de Deus

e dar fim à sua vida, por mais que desejasse morrer ou mesmo nunca ter vivido.

Se for para pedir ajuda para morrer, que a peça a Deus. Por isso ele suplica: “Por que me tiraste do ventre de minha mãe? Eu deveria ter morrido antes que um olho me visse!” (Jó 10.18). E ainda: “Quem dera que se cumprisse o meu pedido, e que Deus me concedesse o que desejo! Que fosse do agrado de Deus esmagar-me, que soltasse a sua mão e acabasse comigo!” (Jó 6.8-9). As queixas de Jó não são expressões de falta de fé, mas um compreensível e desesperado grito de socorro. Temos um clamor semelhante em Salmos 13.1: “Até quando, SENHOR, te esquecerás de mim? Será para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto?”.

Aconselhamento para cristãos

Novamente levanta-se a pergunta: “O que dizer para uma pessoa nesse estado?”. Há situações na vida em que ficamos sem saber o que dizer. Tudo parece não passar de clichê, e até mesmo as palavras comprovadas da Bíblia parecem vazias. Por quê? Porque o sofredor, caso já seja cristão, sabe de tudo isso. Sabemos bem que tudo coopera para o nosso bem. Sabemos que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória futura. Sabemos, também, que um dia nossas lágrimas

serão enxugadas e que nosso sofrimento será transformado em alegria. E conhecemos o versículo: “Os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão” (Salmos 126.5). Sabemos de tudo isso, e mesmo assim há situações em que chegamos à beira do desespero, em que desejamos a morte e nem mesmo uma palavra bíblica consegue trazer consolo.

Nesse ponto, não devemos nos enganar, nem mentir para nós mesmos. É claro que a Palavra de Deus traz consolo; ela dirige nosso olhar para o essencial. Apesar disso, há situações em que nem mesmo a Palavra de Deus é capaz de nos animar, a ponto de na verdade desejarmos morrer. Não se deve, de maneira alguma, condenar esses pensamentos como falta de espiritualidade. Deus é o único que pode julgar isso.

Justamente nesse ponto estava o erro dos amigos de Jó. Uma pessoa tão sofrida e desesperada não precisa ouvir um sermão moralista, mas alguém que, com compaixão, fidelidade e amor, aponte-lhe a glória de Deus. Nesse momento, não precisamos de guardiões da lei automeados, mas de amigos, familiares e irmãos que reservam tempo para nós, a fim de nos dar consolo verdadeiro, segurar nossa mão, ouvir nosso desabafo, orar conosco e ler a Bíblia para nós – simplesmente alguém que esteja disponível e que de fato nos ame e apoie.

Creio que, pior do que todo o sofrimento – que por si só já é suficientemente ruim – é a solidão, essa sensação de que ninguém tem tempo para nós. Esse, no entanto, não era o caso de Jó, que tinha três amigos dispostos a tirar o tempo necessário para visitá-lo. Na verdade, foi um belo gesto. Elifaz foi o primeiro a responder à queixa de Jó. Ele começou falando com sensibilidade e de maneira sábia:

“Então Elifaz, o temanita, tomou a palavra e disse: ‘Se alguém tentar falar, você terá paciência para ouvir? Mas quem poderá conter as palavras? Veja bem! Você ensinou a muitos e fortaleceu mãos cansadas. As suas palavras sustentaram os que tropeçavam, e você fortaleceu joelhos vacilantes. Mas agora, quando chega a sua vez, você perde a paciência; ao ser atingido, você fica apavorado’.” (Jó 4.1-5)

No começo, ele elogia Jó e ressalta que este sempre tinha sido um consolador e aconselhador, mas que agora ele mesmo precisa de ajuda e consolo. Além disso, Elifaz confirmou a integridade de Jó: “Você não tem confiança no seu temor a Deus? Não tem esperança na integridade dos seus caminhos?” (Jó 4.6). No início do livro, o relato já mencionara que Jó era um homem íntegro, temente

a Deus e justo: “Havia um homem na terra de Uz cujo nome era Jó. Este homem era íntegro e reto, temia a Deus e se desviava do mal” (Jó 1.1). Mesmo após a perda de sua riqueza e a morte de seus filhos, Deus ainda ressaltava a integridade de Jó: “E o SENHOR disse a Satanás: ‘Você reparou no meu servo Jó? Não há ninguém como ele na terra. Ele é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se desvia do mal’” (Jó 2.3a).

Os três amigos de Jó também conheciam sua justiça, pois isso não era segredo. Portanto, não se tratava de aconselhar um incrédulo.

Estamos, assim, diante da questão: como podemos aconselhar – dar apoio – a outros cristãos, verdadeiros filhos de Deus (veja tb. Jó 6.11-30)?

Estereótipos e conclusões erradas

Após começar sua fala com grande consideração, agora Elifaz procura por uma explicação para o grande sofrimento que atingiu Jó. E assim começa o dilema: “Pense bem: será que algum inocente já chegou a perecer? E onde os retos foram destruídos?” (Jó 4.7).

Certamente a intenção de Elifaz era boa. Ele expressa verdades divinas, bíblicas. Louva a Deus e, em princípio, não fala nada de errado. Mesmo assim, ele erra feio. Ele apresenta uma explicação mesmo sem ter nenhum

conhecimento a respeito da causa. Age como um médico que dá ótimos conselhos e prescreve medicamentos valiosos, mas que errou no diagnóstico e por isso está tratando da doença errada. Comporta-se como um cirurgião que, usando a melhor técnica e máxima precisão, amputa a perna errada.

Elifaz continua: “Segundo eu tenho visto, os que lavram a iniquidade e semeiam o mal, isso mesmo eles colhem. Com o hálito de Deus perecem; e com o sopro da sua ira são consumidos” (Jó 4.8-9). Em outras palavras: Elifaz conclui que Jó deve ter pecado para que Deus o atormentasse daquela maneira. Essa explicação era muito usual naquela época e também aparece muitas vezes nos Salmos. Essa mentalidade manifesta-se também na pergunta dos discípulos no evangelho de João: “Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego? Ele ou os pais dele?” (João 9.2). Ou seja, era um conceito muito difundido e acredito que Jó também o defendia, pelo menos até ser atingido por essa crise. É claro que isso só ampliou ainda mais o seu desespero, uma vez que o sofrimento o atinge em cheio e ele não sabe o motivo.

Isso deveria nos ensinar a tomar cuidado com afirmações genéricas e vagas. Justamente na área do aconselhamento nem sempre as coisas são preto no branco. Cada caso precisa ser tratado à parte, sendo totalmente

inapropriado recorrer a estereótipos. As afirmações em si dos três amigos não eram erradas, mas suas conclusões eram equivocadas; mais que isso, desconsideraram totalmente o amor e a graça de Deus. Para eles, Deus estava restrito a um rótulo, mas não morava em seu coração. Desse modo, o engano é possível mesmo para quem dispõe de ótimo conhecimento bíblico, principalmente quando o raciocínio é pragmático demais. A despeito do bom conhecimento bíblico, falta conhecer a Deus!

Ao ler as afirmações dos amigos sem levar em conta a horrível situação de Jó, é fácil simplesmente concordar com tudo. Eles glorificaram a Deus, louvaram o seu nome, engrandeceram sua glória e seu poder ilimitado. Mesmo assim, posteriormente são repreendidos por Deus: “Depois que o SENHOR falou estas palavras a Jó, o SENHOR disse também a Elifaz, o temanita: ‘A minha ira se acendeu contra você e contra os seus dois amigos, porque vocês não falaram a meu respeito o que é reto...’” (Jó 42.7).

Mas por quê? Os amigos de Jó não tinham más intenções! Em princípio, o que eles disseram não diferia do que também encontramos nos Salmos. Defendiam uma visão de Deus totalmente normal e comum à época do Antigo Testamento. Onde eles erram, então?

Eles viam apenas o que estava à sua frente! Não perceberam o contexto e reduziram Deus ao simples princípio de “bênção ou maldição”. Com toda naturalidade, todos os três partiram do princípio de que o sofrimento de Jó tinha sido causado por pecado. Isso de fato é possível, mas nem sempre é o caso. O exemplo do cego de nascença, de João 9, mostra isso claramente. Por isso: por favor, nada de estereótipos, nada de generalizações ou conclusões precipitadas!

A influência de Satanás

O próprio Deus disse a Satanás: “Ele [Jó] ainda conserva a sua integridade, embora você me incitasse contra ele, para destruí-lo sem motivo” (Jó 2.3b). É claro que os amigos de Jó não tinham como saber disso, pois nem o próprio Jó tinha conhecimento dessa circunstância. Deus também não censurou seu desconhecimento, mas teve de repreendê-los por seu orgulho, suas acusações inconsistentes e sua falta de amor.

Parece até que Satanás dominou aqueles três homens. Por exemplo, lemos que Elifaz fala a respeito de um espírito que lhe havia aparecido:

“Uma palavra me foi trazida em segredo, e os meus ouvidos perceberam um sussurro dela. Entre pensamentos

de visões noturnas, quando o sono profundo cai sobre as pessoas, sobrevieram-me o espanto e o tremor, e todos os meus ossos estremeceram. Então um espírito passou por diante de mim; e se arrepiaram os cabelos do meu corpo. Ele parou, mas não reconheci a sua aparência. Um vulto estava diante dos meus olhos; houve silêncio, e ouvi uma voz.” (Jó 4.12-16)

Com certeza Elifaz acreditou que o Espírito de Deus havia se manifestado a ele. No entanto, de quem era realmente aquela voz? A Bíblia não responde essa pergunta; no entanto, não seria possível que o Diabo estivesse por trás disso e que, recorrendo até a verdades bíblicas sobre Deus, tenha mentido, seduzido e abusado deles? Até hoje, o Diabo continua se apresentando como anjo de luz, e seu espírito age dentro da igreja e em seus membros. Será mesmo que é sempre o Espírito Santo, o Espírito de Deus, que aparece em visões, que faz a pessoa falar em línguas e provoca risos e êxtase?

Será que os conselhos dos três amigos no fim das contas não eram também parte dos ataques de Satanás? A questão levantada – se Deus alguma vez havia permitido que um inocente percesse – lembra um pouco a pergunta de Satanás a Eva: “É verdade que Deus disse...?”. Que retórica! É impossível não responder com “não”:

não, é claro que Deus nunca destruiu um inocente. São palavras muito piedosas e verdadeiras – mas, ao mesmo tempo, uma sedução e mentira satânicas.

Os astuciosos ataques de Satanás, que incluem até mesmo pessoas crentes, ocorrem até hoje. Há cristãos que, a exemplo dos amigos de Jó, sentam-se junto à cama de uma irmã enferma e perguntam: “Será que algum inocente já chegou a perecer?”. Isso dói; é como jogar sal em uma ferida aberta, derramar gasolina no fogo, uma facada direta no coração. Como não se desesperar? Quem ouve isso começa a duvidar de si mesmo e de Deus. E então não encontra a quem recorrer em sua dúvida. Afinal, o cristão não duvida, assim como homem não chora. Todavia, expressar sua dúvida pode ser muito benéfico e libertador, assim como um menino poderia se sentir muito melhor se apenas pudesse chorar nos ombros de seu pai. E como é consolador, então, se o pai chora com ele e se compadece, em vez de dizer: “Pare de chorar e seja homem!”.

FALTA DE AMOR

Voltando às palavras de Elifaz: “Quanto a mim, eu buscaria a Deus e a ele entregaria a minha causa” (Jó 5.8). Ah, Elifaz! Para você é fácil falar, afinal está tudo bem com você! Isso não passa de pura teoria, fórmula piedosa

e vazia. O versículo 17 continua do mesmo jeito: “Bem-aventurado é aquele a quem Deus disciplina! Portanto, não despreze a disciplina do Todo-Poderoso”. Ó Elifaz, melhor seria ajoelhar-se e agradecer a Deus por não estar na pele de Jó, senão os seus belos conselhos ficariam atravessados na sua garganta.

No fundo, Elifaz não falou nada de errado, mas, como já foi dito: ele amputou a perna sadia. E a situação fica ainda muito pior quando o paciente tem plena consciência do que está acontecendo. Foi o que Jó passou. Pode-se até dizer que os três “consoladores” se tornaram a maior das provas de Jó em meio ao seu sofrimento. Como se não bastasse tudo o que já estava enfrentando, os três amigos chegam e o oprimem ainda mais. Cada uma de suas palavras era uma agonia a mais, uma dose adicional de sal na ferida.

Jó quase não conseguia mais ouvir nem suportar. Apesar disso, Elifaz continua e desfia palavras lindas e verdades divinas, que mais tarde até se cumpriram na vida de Jó. Elas são quase proféticas: “Porque ele [o Todo-Poderoso] faz a ferida e ele mesmo a faz sarar; ele fere, e as suas mãos curam” (Jó 5.18). Mais uma vez, só nos resta concordar. Elifaz acrescenta: “Saberá que a sua descendência se multiplicará, e que a sua posteridade será como a erva da terra. Em robusta velhice você des-

cerá à sepultura, como se recolhe o feixe de trigo no tempo certo. Veja bem! Isto é o que investigamos, e assim é. Ouça e medite nisso para o seu bem” (Jó 5.25-27).

Aliás, no capítulo 8, Bildade argumenta da mesma forma, e as predições de ambos se confirmaram posteriormente. Portanto, Elifaz e Bildade na verdade estavam certos, e mesmo assim foi errado falar dessa forma naquela situação. Eram as palavras certas na ocasião errada. Não serviram de conforto e ajuda para Jó.

O que faltava então? Bem, podemos dizer, por exemplo, que faltou *amor*. Onde ficaram a verdadeira compaixão ou uma palavra de pesar, e em que momento houve oração? Por que, afinal, os três amigos não oraram com Jó? Despejam um turbilhão de palavras após o outro, mas não oram em nenhum momento. Fala-se *de* Deus, mas não *com* Deus. Os lábios são piedosos, mas o coração está gelado. Em seu tormento, Jó não necessitava de belas palavras nem de repreensão, mas de apoio. Monólogos ou discussões não ajudam em nada, muito menos os sermões. Ele precisava de apoio e consolo.

Diante das acusações de Elifaz, que no fundo tinha boas intenções com seu amigo, mas errou completamente no seu diagnóstico sobre as causas, Jó respondeu: “Por que esperar, se já não tenho forças? Por que prolongar a vida, se o meu fim é certo? Por acaso a minha força

é a força da pedra? Ou é de bronze a minha carne? Não encontro socorro em mim mesmo; foram afastados de mim os meus recursos” (Jó 6.11-13). Em outras palavras: “Para vocês é fácil falar, mas minhas forças estão no fim. Não aguento mais”.

Jó continuou: “Por acaso pedi que me dessem recompensa? Ou que da riqueza de vocês me trouxessem algum presente? Será que pedi que me livrassem do poder do opressor? Ou que me resgatassem das mãos dos tiranos? Ensinem-me, e eu me calarei; mostrem-me em que tenho errado. Como são persuasivas as palavras retas! Mas o que é que a repreensão de vocês repreende?” (Jó 6.22-25).

A repreensão dos seus amigos era infundada, sem credibilidade e, por isso, totalmente inútil. Quando estou abatido na miséria e um amigo me aconselha a não mais pecar, sem conseguir citar meu pecado de forma concreta – de que isso me adianta quando não tenho consciência de qualquer culpa? De que me vale o alerta de que café demais é prejudicial se eu nem tomo café? O conselho propriamente dito pode ser válido, mas completamente inútil na situação atual.

Jó queixa-se de Deus

Enquanto se defendia de seus amigos, Jó também clamou desesperadamente por uma resposta de Deus: “Até quando não desviarás de mim o teu olhar? Até quando não me darás tempo de engolir a minha saliva? Se pequei, que mal fiz a ti, ó Espreitador da humanidade? Por que fizeste de mim o teu alvo, tornando-me um peso para mim mesmo? Por que não perdoas a minha transgressão e não tiras a minha iniquidade?” (Jó 7.19-21a).

Jó queixa-se de seus amigos e de Deus, embora o ataque, na verdade, tenha partido do Diabo. Mas Jó não sabia disso, por isso diz mais uma vez, desesperado: “Perderei a Deus: ‘Não me condenes!’ Faze-me saber o que tens contra mim” (Jó 10.2). Quão grande devia ser o desespero de Jó! E vamos ser honestos: não são esses os momentos – inclusive na vida do cristão – que nos levam a duvidar de Deus? Não de sua existência (Jó não falou absolutamente nada nesse sentido), mas de sua ação ou omissão? O fato de Deus permitir que tudo isso aconteça, não responder e parecer não fazer nada a respeito, pode nos levar até a duvidar da justiça de Deus.

Agradeça a Deus se você nunca precisou perguntar: “Por quê? Para quê?”. Por favor, nunca condene um irmão que está se perguntando isso, mas sirva-lhe de suporte, ajuda e apoio, alguém que fielmente se com-

padece, divide a carga e ora. E se lhe faltarem palavras, simplesmente abrace a pessoa, segure a mão do doente, chore e ore com ele e simplesmente esteja presente. Acima de tudo, é preciso dispor-se a ouvir, a dedicar tempo e demonstrar paciência.

O silêncio de Deus

Jó não sofreu apenas por causa da perda de suas posses e de seus filhos. Também não sofreu somente devido às terríveis dores de sua enfermidade e da sua aparência desfigurada. Não padeceu somente pelo desespero de sua esposa e pela incompreensão de seus amigos. Não: acima de tudo, Jó sofreu em virtude do *silêncio de Deus*. Não ansiava somente por alívio e ajuda, mas principalmente por uma resposta às suas perguntas: “Por quê? Para quê?”.

Seus amigos não puderam responder a essa pergunta porque procuravam respostas terrenas, mas a causa era de natureza celestial. E Deus, que poderia responder, estava em silêncio. Isso pode ser enlouquecedor. “Onde estás, Deus? Por que estás em silêncio? Por que fizeste isso comigo? Se eu tivesse abandonado a fé, se tivesse caído em profundo pecado, então ao menos eu saberia o porquê desse golpe e poderia me arrepender e, de joelhos, clamar por tua graça. Mas não me afastei da fé,

não estou à deriva no mundo, não me tornei infiel a ti. Por que estás me fazendo sofrer? Deus, por favor, me responde!” E Deus continua em silêncio! Você já passou por isso, ou está justamente passando por essa situação agora? Você clama por socorro e Deus não lhe responde. E então alguém se aproxima e diz: “Todas as coisas cooperam para o nosso bem”. Que ‘grande’ consolo, não é mesmo?

Mesmo que a afirmação em si seja correta, ela é simplesmente inapropriada nesse momento. Em vez disso, que tal dar um abraço, um firme aperto de mão com sincera compaixão? Ok, com certeza isso não mudaria o problema. Também não seria realmente uma ajuda, talvez até mesmo uma expressão de impotência. No entanto, seria uma atitude sincera, algo que toda pessoa necessita: uma expressão de amor e uma manifestação de lealdade.

Mais declarações erradas

Depois do discurso de Elifaz e da resposta um tanto rude, isto é, desesperada de Jó, quem toma a palavra é Bildade. Talvez os amigos esperassem que, depois das palavras de Elifaz, Jó confessasse seus pecados e se arrependesse. No entanto, o que ele tinha para confessar? Afinal, o pecado não era a causa de seu sofrimento. De

que adiantam as receitas prontas, se o problema está em outra área? As palavras dos amigos são piedosas, mas não atingem o cerne da questão.

Bildade, que agora passa a falar, não é tão empático como Elifaz, mas apresenta a mesma justificativa como causa de todo o mal: “Então Bildade, o suíta, tomou a palavra e disse: ‘Até quando você falará estas coisas? E até quando as palavras da sua boca serão como um vento impetuoso? Será que Deus perverteria o direito? Será que o Todo-Poderoso perverteria a justiça? Se os seus filhos pecaram contra ele, também ele os entregou ao poder da transgressão que cometeram’” (Jó 8.1-4). Não são palavras muito cordiais. Bildade não consola, não demonstra compaixão nem comiseração, mas chega arrombando a porta da casa. É difícil ser mais grosseiro que isso.

Chama a atenção que os três amigos nem mesmo tentam conjecturar a respeito dos motivos para o sofrimento de Jó. Não se preocupam em pesquisar possíveis origens, mas partem diretamente para afirmações, sem qualquer conhecimento de causa. Jó amava seus filhos e intercedia por eles diante de Deus com orações e sacrifícios. Ficou arrasado quando soube da morte deles. E Bildade não encontrou nada melhor para dizer sobre eles do que: “Se os seus filhos pecaram contra ele, tam-

bém ele os entregou ao poder da transgressão que cometeram” (Jó 8.4). Sensível como um elefante!

Na verdade, o motivo do sofrimento de Jó e da morte dos seus filhos nem tinha sido esse. Por isso: tome cuidado com acusações ou afirmações temerárias! Mesmo que Bildade tivesse razão, suas palavras não teriam sido úteis nem consoladoras para Jó. Quando encontramos pais que perderam seus filhos, precisamos medir muito bem cada palavra. Talvez seja até melhor nem falar nada e apenas chorar com eles, abraçá-los e simplesmente ficar ao lado deles. Bildade também teria feito melhor se tivesse ficado calado.

Assim como havia acontecido com Elifaz, também Bildade estava totalmente equivocado em suas conclusões, embora não tenha falado nada de errado ao dizer: “Será que Deus perverteria o direito? Será que o Todo-Poderoso perverteria a justiça?”. Ele defendia a justiça de Deus, mas eram apenas palavras vazias, já que não ofereciam respostas nem deixavam transparecer qualquer compaixão. Bildade insistiu no *juízo* de Deus, mas ignorou a sua *graça*. Ele louvou a *onipotência* de Deus, mas desprezou o seu *amor*. Sim, Bildade também colocou um rótulo em Deus.

Por fim, ele encerrou sua fala com as palavras: “Eis que Deus não rejeita o íntegro, nem toma os malfeitores

pela mão. Ele encherá a sua boca de riso e os seus lábios de alegria. Os que o odeiam se cobrirão de vergonha, e a tenda dos ímpios não subsistirá” (Jó 8.20-22). Isso é, em si, maravilhoso e verdadeiro, e poderia muito bem estar escrito em algum salmo.

Apesar disso, Deus também diria a Bildade: “Você não falou o que é certo a meu respeito...”. Por quê? Por ter disso algo errado? Não. Também Bildade usou uma técnica perfeita, mas operou a perna errada – esse foi o motivo. Tinha bom conhecimento bíblico, mas infelizmente pouco conhecimento de Deus. Como já disse, os amigos não disseram nada totalmente errado. Temiam a Deus, louvavam a Deus, glorificavam seu nome e tributavam-lhe honra. Mesmo assim erraram, de maneira que depois Deus teve de repreender esses três homens.

Até mesmo Jó concordou com Bildade em relação à grandeza e onipotência de Deus: “Então Jó respondeu: ‘Na verdade, sei que assim é; porque, como pode o mortal ser justo diante de Deus? Se quiser discutir com ele, nem a uma de mil coisas lhe poderá responder’” (Jó 9.1-3). Jó conhecia a soberania de Deus e tudo que seus amigos falaram, mas isso não lhe serviu de consolo, nem ajuda, nem resposta para o seu sofrimento.

A DÚVIDA DE JÓ

Por mais que Jó reconhecesse a onipotência de Deus, seu desespero ficou cada vez mais parecido com uma acusação:

“Ainda que eu fosse justo, não lhe responderia; pelo contrário, pediria misericórdia ao meu Juiz. Ainda que eu o chamasse e ele me respondesse, nem por isso eu creia que ele deu ouvidos à minha voz. Porque me esmaga com uma tempestade e sem motivo multiplica as minhas feridas. Não me permite respirar, porque me enche de amargura. Se é uma questão de força, ele é o forte; se é uma questão de justiça, ele dirá: ‘Quem pode me intimidar?’ Ainda que eu seja justo, a minha boca me condenará; embora eu seja íntegro, ela me declarará culpado... Para mim, é tudo a mesma coisa; por isso, digo: ele destrói tanto os íntegros como os perversos.”
(Jó 9.15-22)

Jó continuava sem negar a Deus. Em momento algum questionou a existência do Senhor. Também reconhecia a onipotência e soberania de Deus, mas cada vez mais duvidava da justiça dele. Sejamos honestos: não somos assim também? Cada um de nossos “porquês” arranha a justiça de Deus. Com os lábios dizemos: “Por que Deus

permite esse sofrimento?” e, lá no fundo, pensamos: “Como Deus é injusto!”.

Gostaria de enfatizar mais uma vez, com toda a clareza: não somos melhores do que Jó, nem mesmo melhores que seus orgulhosos amigos. Em vez de criticar Elifaz, Bildade e Zofar, deveríamos, sim, olhar para nós mesmos. Quantas vezes nos orgulhamos de nosso conhecimento bíblico, mas na verdade conhecemos muito pouco de Deus. Que Deus nos guarde de qualquer orgulho e nos conceda sabedoria no convívio com nossos irmãos.

“Até quando, SENHOR, te esquecerás de mim? Será para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto? Até quando estarei relutando em minha alma, com tristeza no coração cada dia? Até quando o meu inimigo se exaltará sobre mim? Olha para mim e responde-me, SENHOR, meu Deus! Ilumina os meus olhos, para que eu não durma o sono da morte; para que o meu inimigo não diga: ‘Prevaleci contra ele’; e não se alegrem os meus adversários, se eu for abalado. Quanto a mim, confio na tua graça; que o meu coração se alegre na tua salvação. Cantarei ao SENHOR, porque ele me tem feito muito bem.” (Salmos 13.1-6)

Que nosso Deus fiel nos ajude a, em meio às dúvidas e questionamentos sofridos, fazer coro com o salmista: “Quanto a mim, confio na tua graça” (Salmos 13.5a).



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

NO MUNDO, VOCÊS PASSAM POR AFLIÇÕES...

O apóstolo João registra as seguintes palavras de Jesus: "Falei essas coisas para que em mim vocês tenham paz. No mundo, vocês passam por aflições; mas tenham coragem: eu venci o mundo" (João 16.33).

No mundo, nós temos medo. Preocupações e sofrimentos podem nos sobrecarregar. Como devemos, como cristãos, lidar com os nossos problemas? E como podemos pastorear outros que estão sofrendo sem piorar as coisas – como fizeram os amigos de Jó? Os autores deste livro propõem respostas equilibradas e sensíveis a essas perguntas.

Hartmut Jaeger é o diretor da editora cristã CV-Dillenburger, na Alemanha. Autor de inúmeros livros, já participou de muitos módulos de ensino bíblico, conferências e evangelizações nos últimos 50 anos.

Samuel Rindlisbacher é presbítero da igreja da Chamada da Meia-Noite na Suíça e foi fundamental no desenvolvimento do grande ministério de jovens dela. Completou sua formação teológica na América do Sul.

Thomas Lieth é pregador e trabalha na área editorial da Chamada da Meia-Noite na Suíça. Completou sua formação teológica na Bibelschule Neues Leben, em Wölmersen, Alemanha.



chamada.com.br